

A COMPANHIA DE JESUS E OS ÍNDIOS NA CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO: SÉCULOS XVI, XVII E XVIII.

Aluna: Lívia Uchôa

Orientadora: Eunícia B. Barcelos Fernandes

Relatório Anual. Período: Agosto de 2008 – Julho de 2009

Introdução

Este relatório tem como objetivo a descrição das minhas atividades ao longo de um ano de pesquisa no Projeto *A Companhia de Jesus e os índios na capitania do Rio de Janeiro, séculos XVI, XVII e XVIII*, iniciada em agosto de 2008. Candidatei-me a participar desse projeto de iniciação científica, pois, além de acreditar que esse tipo bolsa é muito importante na formação do historiador, sempre tive interesse por História do Brasil, em especial História Indígena. No processo seletivo, passei em primeiro lugar, ganhando uma bolsa do PIBIC. Junto comigo, Maria José Barboza foi selecionada e atualmente também é bolsista PIBIC, apesar de ter permanecido como pesquisadora voluntária durante esse ano de pesquisa. Amanda Pasti ficou como voluntária de setembro a dezembro de 2008, recebendo, após, bolsa FAPERJ entre janeiro e junho de 2009. Participando como voluntária, Andréa Mota completa o quadro de pesquisadoras do Projeto.

Coordenada pela professora Eunícia Fernandes e composto pelas pesquisadoras citadas acima, a pesquisa pretende fazer uma análise do papel exercido pela Companhia de Jesus na colonização da América portuguesa e, em especial, nas relações estabelecidas junto aos índios. Através disso, pretende refletir também sobre as articulações de poder e dinâmicas culturais, envolvendo valores e comportamentos no processo colonizador na região da capitania do Rio de Janeiro, local onde os jesuítas tiveram papel preponderante na colonização.

Objetivos

A supracitada análise do papel exercido pela Companhia de Jesus na colonização da América Portuguesa e nas relações desta estabelecidas junto aos índios do Rio de Janeiro está articulada à sistematização de documentação existente em arquivos da cidade, bem como à reunião e organização de historiografia sobre o tema, notadamente aquela não publicada, ou seja, arregimentar ordenadamente dissertações e teses desenvolvidas no Brasil.

Com o objetivo de ampliar as novas reflexões históricas que localizam o índio como agente, além de pensar a religiosidade em seu aspecto cultural, esse projeto visa dialogar com outras disciplinas, como literatura e antropologia, de forma a enriquecer sua abordagem. Esse trabalho se propõe também a pensar o papel preponderante e a especificidade da atuação da Companhia na Capitania do Rio de Janeiro, procurando, ainda, entender as diferentes práticas colonizadoras através desse encontro cultural de jesuítas e nativos. Com os esforços concentrados, nesse primeiro ano de pesquisa, no século XVI, o projeto vai trabalhar ainda com os outros dois séculos de colonização na América Portuguesa, tentando suprir o desequilíbrio dos estudos jesuíticos nas regiões coloniais, pois como afirma Eunícia no próprio Projeto de Pesquisa, “é verdade que encontramos hoje trabalhos importantes relativos à ação jesuítica na Amazônia (...) na região Nordeste (...) e no Sudeste (...), mas nada igual ao que encontramos para a região do Prata, nas chamadas Missões do Paraguai”. Esse

desequilíbrio indicado pela coordenadora da pesquisa criou equívocos de compreensão sobre a atuação da Companhia junto aos índios, pois tomou o modelo da região do Prata para toda a colônia, o que não se confirma na experiência. Sendo assim, a pesquisa busca esclarecer a especificidade do Rio de Janeiro nesse quadro.

Atividades Coletivas

Nos primeiros meses de pesquisa, mantivemos a prática de encontros quinzenais e leituras coletivas temáticas e teóricas de bibliografia relacionada ao tema da pesquisa, de forma a introduzir as pesquisadoras no universo do período estudado, tendo assim um panorama da historiografia sobre a Companhia de Jesus e sobre os índios antes de entrar em contato direto com a documentação da época. Dessa forma, a busca e o contato com os documentos foram facilitados, pois, através dessas leituras, pudemos, por exemplo, conhecer nomes de religiosos e autoridades da época, o que foi importante para a pesquisa na biblioteca; assim como pudemos conhecer o contexto no qual o documento foi produzido, o que foi importante para sua análise. Mais operacional ainda foi o fato de reconhecermos documentações utilizadas pelos autores, o que, no primeiro contato com o acervo da Biblioteca Nacional e no desconhecimento de suas sistemáticas classificatórias serviu de primeiro guia. Segue abaixo a lista da bibliografia lida coletivamente:

FERNANDES, Eunícia Barros Barcelos. **Futuros Outros: Homens e Espaços – Os**

Aldeamentos Jesuíticos e a Colonização na América Portuguesa. tese

(Doutorado). Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, 2001. 227p.

LEITE, Serafim. **Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil (Assistência de**

Portugal): 1549-1760. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965.

MONTEIRO, John M. “O Desafio da História Indígena No Brasil” in: SILVA, Aracy Lopes

da; GRUPIONI, Luís D. (Org.). **A Temática Indígena na Escola.** Brasília:

MEC/MARI/UNESCO, 1995.

SOUZA, Laura de M. “História da cultura e da religiosidade” in: ARRUDA, José Jobson de

A; FONSECA, Luis Adão da. **Brasil-Portugal: História, agenda para o milênio.**

Bauru: EDUSC, 2001.

A partir dessas leituras, desdobraram-se atividades coletivas que foram não só formativas no conteúdo temático da pesquisa, como também formativas nas práticas da escrita, ou seja, na nossa formação como historiadoras. Ainda durante o período das leituras coletivas, fomos instruídas a produzir certos instrumentos de pesquisa que foram simultaneamente, nos qualificando na atividade de pesquisa. Produzimos:

(a) verbetes sobre historiadores - como Serafim Leite – [anexo 01], o que demandou pesquisa e escrita, assim como capacidade de síntese, nos ajudando, ainda, no acúmulo de conhecimento temático;

(b) cronologias acerca da atuação da Companhia de Jesus na América portuguesa no século XVI [anexo 02], que implicou num maior conhecimento do conteúdo da pesquisa, pois para sua execução foi necessário ter clara noção do objetivo do projeto e facilitador na identificação de possíveis documentos;

(c) glossário de termos históricos e de termos da Companhia de Jesus [anexo 03], que também demandou um procedimento de pesquisa, além de também expandir nosso conhecimento temático do projeto.

Com a bagagem da leitura e a aproximação das práticas de pesquisa, passamos a ter encontros semanais.

Atividades Individuais

Para além das leituras e atividades coletivas, individualmente, cada aluna se dedicou acerca de um sub-tema: colégio, aldeamentos, fazendas e câmara municipal. A partir daí, cada pesquisadora de IC realizou (d) pesquisa acerca de seu sub-tema [anexo 04], (e) levantamentos de obras e teses, (f) levantamentos documentais, bem como (g) resenhas de obras temáticas. O meu sub-tema se refere aos aldeamentos de São Lourenço e São Barnabé (focando principalmente os índios) e em relação a isso, realizei levantamentos documentais na Biblioteca Nacional [anexos 05 e 06] e levantamento de teses na CAPES [anexo 07], que me deram a experiência e a oportunidade de conhecer procedimentos de pesquisa na busca em arquivo.

Além das pesquisas em bases de dados e acervos, continuamos com leituras, agora individuais, que foram apresentadas oralmente e resultaram em materiais escritos, como resumos para as colegas pesquisadoras que não haviam realizado a leitura [anexo 08] e uma resenha [anexo 09], que no meu caso foi da obra ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Metamorfoses Indígenas. Identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. É importante dizer que para além das práticas de pesquisa e sistematização de dados, a experiência de apresentar oralmente um livro foi importante na minha formação, a exposição do meu posicionamento na resenha ou mesmo a seleção dos conteúdos mais relevantes da obra subordinavam-se a um prazo de fala e exigiam clareza e coerência, haja vista minhas colegas de pesquisa desconhecerem aquele conteúdo. Vejo a administração do tempo e a qualidade da informação como experiência para apresentações acadêmicas em geral – como no caso da Anpuh Nacional de 2009, evento onde tive um pôster selecionado – como na minha formação para o magistério.

Após um primeiro reconhecimento do acervo da Biblioteca Nacional em meu sub-tema (os aldeamentos), deveria selecionar um documento do século XVI para análise. Encontrei material substantivo sobre o aldeamento de São Lourenço na *Historia dos Collegios do Brasil*, obra anônima escrita pelos jesuítas no século XVI. Entretanto, os conteúdos acerca do aldeamento não podem ser descolados da obra como um todo, diante disso, além de manter minhas pesquisas e reflexões sobre os aldeamentos e os índios, meu trabalho nos últimos meses tem se voltado ao Colégio de São Sebastião do Rio de Janeiro, cruzando-se, portanto com o sub-tema de outra pesquisadora de IC. Entretanto, é preciso dizer que minha investigação sobre o Colégio está em medida direcionada de pensar sua relação com o aldeamento de São Lourenço e suas importâncias dentro do processo colonizador.

A *Historia dos Collegios do Brasil* está dividida em duas partes: a primeira se refere ao Colégio da Bahia e suas adjacências; a segunda se refere ao Colégio do Rio de Janeiro e suas adjacências. O foco da análise está sobre a segunda parte, entretanto, como expresso anteriormente, o documento é compreendido em sua totalidade, exigindo, portanto, leituras sobre o significado dos colégios na atuação jesuítica do século XVI e identificando certo histórico dos colégios na América Portuguesa.

Elementos importantes para a análise desse documento estão sendo estudados através da leitura de Alcir Pécora, que traz a idéia de que a escrita jesuítica, através de recursos retóricos, é carregada de sentido e não reflete uma realidade universal; de Diogo Ramada

Curto, que fala sobre a língua e a historiografia portuguesa no século XVI; de Serafim Leite e William Bangert, que explicam sobre a importância dos colégios e aldeamentos, entre outros autores.

Percebe-se no documento *Historia dos Collegios do Brasil* a intenção de evidenciar um sucesso na conversão do gentio, que, segundo seu autor (ou autores), é feita com muito esforço pelos padres, apesar do perigo que eles correm. Através de vários episódios narrados dramaticamente, vemos que esse documento é um dentre outros da Companhia que tenta justificar e confirmar a importância da sua presença na América Portuguesa.

Conclusão

Alguns resultados temáticos e outros de formação já se apresentam significativos. No âmbito temático, o desenvolvimento das leituras e resenhas certamente contribuiu na qualificação de nossos conhecimentos, porém o mais relevante talvez seja a reflexão derivada da realização dos levantamentos. Rastreado dissertações e teses em História sobre os aldeamentos jesuíticos e reunindo os resultados a outros levantamentos, tais como aqueles referentes à atuação em geral da Companhia de Jesus na América portuguesa, pudemos reconhecer tópicos da pesquisa tais como o momento de maior desenvolvimento da temática indígena – bem mais significativo a partir dos anos 90 – ou regiões coloniais mais visadas pela historiografia, como a Região do Prata.

É importante ainda indicar a qualificação derivada do contato com os acervos, notadamente o da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde pude trabalhar na área de cartografia, obras raras e manuscritos. O aprendizado sobre a forma de sistematização dos mesmos, os esforços para a localização das fontes que os interessavam à pesquisa, o reconhecimento das potencialidades e das dificuldades da instituição devem também ser vistos como significativos resultados que incidem na dimensão temática, mas sobretudo na formação do historiador/ pesquisador. A participação no XXV Simpósio de História é um elemento significativo, principalmente nesse âmbito da formação profissional. Os dois posteriores do projeto candidatos a participar desse encontro foram selecionados e os momentos de produção e apresentação dos mesmos foram muito importantes no nosso amadurecimento acadêmico.

Para o segundo semestre de 2009 e o primeiro de 2010 pretendemos consolidar a pesquisa sobre o século XVI – coma produção de artigo sobre o documento – e iniciar as pesquisas sobre o século XVII, num procedimento assemelhado aos realizados para o século XVI, com levantamentos e sistematizações de dados.

Referências

- BANGERT, William (SJ). **História da Companhia de Jesus**. São Paulo/ Porto: Apostolado da Imprensa/ Loyola, 1985.
- CURTO, Diogo Ramada. “Língua e Memória”, In: MATTOSO, José (org.). **História de Portugal**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993. v. 3.
- FERNANDES, Eunícia Barros Barcelos. **Futuros Outros: Homens e Espaços – Os Aldeamentos Jesuíticos e a Colonização na América Portuguesa**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, 2001. 227p.
- LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. São Paulo: Associação Internacional Anchieta: Loyola, 2004.

_____. **Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil (Assistência de Portugal): 1549-1760.** Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965.

MONTEIRO, John M. “O Desafio da História Indígena No Brasil” in Silva, Aracy Lopes da; Grupioni, Luís D. (Org.). **A Temática Indígena na Escola.** Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

PÉCORA, Alcir. **Máquina de Gêneros.** São Paulo: Edusp, 2001.

SOUZA, Laura de M. “História da cultura e da religiosidade” in **Brasil-Portugal: História, agenda para o milênio.** Bauru: EDUSC, 2001.

Anexos

Anexo 01:

Verbete de Serafim Soares Leite

Foi um padre jesuíta, sacerdote e historiador. Nasceu em S. João da Madeira em 6 de abril de 1890 e morreu em Roma, em 27 de dezembro de 1969. Depois de frequentar alguns anos o Seminário dos Carvalhos (Porto), embarcou para o Pará e dedicou-se ao comércio no Amazonas, onde conviveu com os índios e aprendeu sua língua geral.

Em 30 de Julho de 1914, entrou na Companhia de Jesus. Tendo cursado letras humanas em Múrcia, Filosofia em Granada e Teologia em Enghien (Bélgica), completou a sua formação religiosa e ascética em Paray-le-Monial (França) em 1932, ano esse em que começou a composição da *História da Companhia de Jesus no Brasil*, publicada em dez volumes. Por conta desse livro ganhou o “Prêmio Alexandre Herculano”, em 1938. A Academia Portuguesa de História nomeou-o seu sócio honorário. Pertenceu igualmente à Academia Brasileira de Letras e foi sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.

Além da História, Serafim Leite cultivou com igual êxito a poesia, a novela e os estudos sociais. Deve-se ainda a ele o Hino de S. João da Madeira e o brasão de armas desta laboriosa cidade, onde nasceu.

Principais Obras:

- Alão de Moraes, uma grande figura do século XVII, assinada com o pseudônimo de Mário Vítor
- A Vida de Pe. Anchieta (1934)
- Páginas de história do Brasil (1937)
- História da Companhia de Jesus no Brasil (1938)
- Novas cartas jesuíticas: De Nóbrega a Vieira (1940)
- Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil (1954)
- Cartas do Brasil e mais escritos (1955)

Obtido em:

“http://www.submarino.com.br/books_productdetails.asp?Query=ProductPage&ProdTypeId=1&ProdId=1025153&ST=TN299851”;

“<http://www.esec-dr-serafim-leite.rcts.pt/escola/projedu/projedu.htm>”;

“<http://www.cm-sjm.pt/175>”, acessados em 20 de agosto de 2008.

“<http://www.dbd.puc-rio.br>”, acessado em 4 de setembro de 2008.

Anexo 02:

Cronologia Comentada da Companhia de Jesus

27 de setembro de 1540: A Companhia de Jesus é aprovada oficialmente como ordem religiosa. (importante para a gente ter noção que é uma ordem recém-criada).

29 de março de 1549: Chega à Bahia a armada de Tomé de Souza, primeiro governador-geral do Brasil, trazendo junto alguns religiosos da Companhia de Jesus. (importante, pois foi a primeira vez que os religiosos da Companhia chegaram aqui).

Junho de 1552: Chega à Bahia o Bispo D. Pedro Fernandes. (importante porque ele teve desavenças com o PE. Manuel da Nóbrega, superior da Companhia de Jesus na América).

Novembro de 1552: Nóbrega vai para São Vicente. (importante porque ele pretende ficar ali)

1553: Nóbrega é nomeado provincial (importante porque a gente estuda a Companhia e é importante saber em qual época quem é nomeado superior, para poder relacionar com algum acontecimento, quando for o caso)

28 de dezembro de 1557: Chega à Bahia Mem de Sá, terceiro governador-geral. (importante para a gente saber quem estava no governo-geral em qual época, para poder relacionar com algum acontecimento, quando for o caso).

16 de janeiro de 1560: Nóbrega, que estava na Bahia, embarca para São Vicente, na armada de Mem de Sá. (importante, pois essa armada vai atacar os franceses e Nóbrega vê neles uma ameaça)

16 de março de 1560: A armada de Mem de Sá ataca a fortaleza dos franceses, na Baía de Guanabara. Os franceses fogem dois dias depois. (importante porque isso vai refletir na guerra travada contra os tamoios, pelos portugueses).

Abril de 1560: Em São Vicente, Nóbrega passa o cargo de provincial ao Padre Luís da Grã. (importante porque a gente estuda a Companhia e é importante saber em qual época quem é nomeado superior, para poder relacionar com algum acontecimento, quando for o caso).

12 de agosto de 1560: Nóbrega acha que se deve construir uma cidade no Rio de Janeiro, para se defender dos franceses. Nóbrega manda, então, Gregório Serrão tomar posse da Sesmaria de Gerebatiba, onde se pretendia construir a cidade. (importante, pois mostra como Nóbrega influenciou, segundo Serafim Leite, na construção da cidade do Rio de Janeiro)

1561: Os capitães portugueses ordenaram uma guerra contra os Tamoios de Iperoig (índios amigos dos franceses). (importante porque é uma guerra contra índios, que também é o nosso objeto de estudo).

05 de maio de 1563: Nóbrega vai à Iperoig, terra dos Tamoios, a fim de fazer as pazes com eles. (importante porque tem a ver com a Companhia de Jesus e os índios, que são os nossos objetos de estudo).

28 de maio de 1563: Na casa em que estava Nóbrega, em Iperoig, faz-se uma reunião para se concluir as pazes. Os Tamoios querem que os portugueses entreguem índios Tupis para eles. Nóbrega e Anchieta ficam como “reféns” em Iperoig. (importante porque tem a ver com a Companhia de Jesus e os índios, que são os nossos objetos de estudo).

21 de junho de 1563: Nóbrega sai de Iperoig e vai para São Vicente. (importante porque tem a ver com a Companhia de Jesus e os índios, que são os nossos objetos de estudo).

21 de setembro de 1563: Anchieta sai de Iperoig e vai para Bertioga. (importante porque tem a ver com a Companhia de Jesus e os índios, que são os nossos objetos de estudo).

19 de março de 1564: Nóbrega e Anchieta chegam ao Rio de Janeiro. (importante porque tem a ver com a Companhia de Jesus e a Capitania do Rio de Janeiro, que são nossos objetos de estudo).

15 de janeiro de 1565: O rei de Portugal manda fundar um Colégio, em lugar conveniente para os religiosos. É o futuro Colégio de Rio de Janeiro. (importante porque tem a ver com a Companhia de Jesus e a Capitania do Rio de Janeiro, que são nossos objetos de estudo).

1º de março de 1565: Funda-se a cidade do Rio de Janeiro. (importante porque a gente estuda a Capitania do Rio de Janeiro e é importante saber isso para poder relacionar com algum acontecimento, quando for o caso)

24 de julho de 1567: Nóbrega passa a ser reitor do Colégio do Rio de Janeiro (importante porque tem a ver com a Companhia de Jesus e a Capitania do Rio de Janeiro, que são nossos objetos de estudo).

1570: Nóbrega falece. (importante porque ele era uma pessoa importante da Companhia de Jesus, que também é nosso objeto de estudo).

Referência Bibliográfica:

LEITE, Serafim. **Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Junta de investigações ultramarinas, 1965.

Anexo 03:

Glossário

(os termos em negrito foram selecionados por mim)

- **Armada:** conjunto de navios de guerra de uma nação.
- **Binava:** celebrar (o padre) duas missas no mesmo dia.

- **Bergantim:** embarcação ligeira de dois mastros e uma só coberta; navio pequeno, ligeiro e aberto, próprio para combate.
- **Cabido:** corporação de cônegos de uma catedral.
- **Cabido:** assembleia constituída por uma ordem religiosa; alpendre anexo a uma igreja.
- **Cardeal-infante:** cardeal - cada um dos 70 prelados que constituem o Sacro Colégio Pontifício, são os principais conselheiros do papa e têm voto na sua eleição. Infante: filho de rei, mas não herdeiro da coroa.
- **Capitão:** antigo comandante de milícias locais.
- **Capitão-Mor:** cargo nas antigas milícias.
- **Catecúmeno:** pessoa que se prepara e instrui, nos princípios da religião, para receber o batismo; neófito, noviço.
- **Catecúmenos:** aquele que se prepara e se instrui para receber o batismo.
- **Coadjutor:** ajunto de um pároco.
- **Comenda:** antigo benefício honorífico concedido a eclesiásticos ou a cavaleiros de ordens militares.
- **Confraria:** associação com fins religiosos
- **Cúria:** a corte do papa; tribunal eclesiástico das dioceses; conjunto das repartições administrativas do Vaticano.
- **Dotação régia:** previsão de uma verba inscrita em orçamento para determinado serviço, dado pelo rei.
- **Degredados:** exilados.
- **Geral:** chefe de ordem religiosa.
- **Indulgência plenária:** absolvição plena das penas temporais.
- **Meirinho:** antigo magistrado, de nomeação régia e que governava amplamente uma comarca ou um território; antigo empregado judicial, correspondente ao moderno oficial de justiça.
- **Meirinho:** antigo oficial de justiça; corresponde ao oficial de diligências de hoje.
- **Mestre de Meninos:** o mesmo que mestre escola.
- **Mestre-Escola:** professor do ensino primário; dignidade inferior, em cabidos.
- **Prelado:** título honorífico de certos dignitários da Igreja, como bispos, arcebispos etc.
- **Prelado sui iuris:** autoridade eclesiástica; bispo; antigo titulo de Reitor da Universidade de Coimbra.
- **Pároco interino:** Pároco - sacerdote que tem a seu cargo a direção espiritual de uma paróquia. Interino - Provisório.
- **Provincial:** superior de certo número de casas religiosas; superior de uma província monástica.
- **Prepósito:** prelado de certas corporações religiosas.
- **Redízima dos Dízimos:** a décima parte da dízima, que era uma contribuição que se pagava à Igreja e que consistia na décima parte dos frutos colhidos.
- **Professo:** o religioso que professou.
- **Profissão:** declaração ou confissão pública.
- **Regimento régio:** estatuto do rei.
- **Vicentinos:** relativo à S. Vicente de Paula (1581-1660) ou à Conferência de S. Vicente de Paula, ou aquele que é membro desta conferência.

Bibliografia:

Dicionário de Língua Portuguesa On-Line, disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>, acessado em 19 de outubro de 2008.

UOL Michaelis, disponível em <http://michaelis.uol.com.br/>, acessado em 06 de novembro de 2008.

Anexo 04:

Lista dos aldeamentos jesuíticos da Capitania do RJ.

1. **Aldeamento de Geribiracica:** Foi o primeiro do Rio de Janeiro, compreendia a região de Niterói. Também era conhecido pelo nome de Aldeia de Martim Afonso (Araribóia) ou Aldeia de Martinho. Em 16 de março de 1568, o aldeamento ganha mais terras e, a partir daí, passa a se chamar **Aldeamento de São Lourenço**. Em nove de julho de 1578, aumenta mais uma vez o território, chegando até o pé da Serra dos Órgãos. Em 1758, deixa de ser da Companhia de Jesus (LEITE, p. 153, vol. 1).
2. **Aldeamento de São Barnabé:** Fundado em 26 de agosto de 1579, compreendia a região de Cabuçu. Em 1584 esse aldeamento transferiu-se para as margens do Rio Macacu, perto das terras dos padres. Em 1684, um século depois do estabelecimento em Macacu, mudou-se novamente, dessa vez para as terras do aldeamento de São Lourenço. Não se tem certeza se essa mudança foi definitiva. Deixou de ser da Companhia em 1759. “No século XVIII, o Marquês do Lavradio elevou a Aldeia de S. Barnabé a vila, com o nome de Vila Nova de S. José de El-Rei, (...) esta vila ficou a ser conhecida pelo nome abreviado de Vila Nova” (LEITE, p. 452, vol. 2).
3. **Aldeamento de São Pedro do Cabo Frio:** Fundou-se em novembro de 1617, compreendendo a região de Cabo frio e São Pedro da Aldeia. Em 1657, desdobrou-se em dois Aldeamentos: Cabo Frio e São Pedro. Porém, logo após, voltou a ser apenas um aldeamento (LEITE, p. 453, vol. 2).
4. **Aldeamento de São Francisco Xavier:** Fundado em 21 de setembro de 1628, compreendia a região de Itinga e Itaguaí, que fica no fundo da Baía de Guanabara. Entre 1722 e 1725, “a aldeia de Igtinga transferiu-se depois, já no século XVIII, para lugar próximo e foi a aldeia de Itaguaí” (LEITE, p. 453, vol. 2).
5. **Aldeamento de Santo Inácio ou dos Índios Gessaruçus:** Foi fundado em 1648 (LEITE, p. 454, vol. 2).

Bibliografia:

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. São Paulo: Associação Internacional Anchieta; Loyola, 2004. 4 v.

Anexo 05:

Levantamento documental de mapas sobre o RJ no séc. XVI

1557/ 1558. **La France Antartique autrement le Rio Janeiro: tirée des voyages que Villegagnon, et Jean de Leri ont faits au Brésil les années 1557 et 1558.** Jean de Léry. Localização: ARC.021,08,005 Cartografia. Encontra-se no acervo digital da Biblioteca Nacional, disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart309974.jpg; no livro *Roteiro de cartografia da Baía de Guanabara e Cidade do Rio de Janeiro*, de Álvaro Teixeira Filho (Rio de Janeiro: São José, 1975); e no site <http://www.marcellio.com/rio/hivimapa.html>, acessado em 30 de novembro de 2008.

1575. **Isle et fort des Frãçois**, de Andre Thevet. O original consta na página 908 do livro de THEVET, A. **Cosmographie Universelle d'André Thevet cosmographe du Roy**. Paris: Pierre L'Huillier et Guillaume Chaudière, 1575. Localização: 088,05,006 Obras Raras. Também se encontra no livro *Roteiro de cartografia da Baía de Guanabara e Cidade do Rio de Janeiro*, de Álvaro Teixeira Filho (Rio de Janeiro: São José, 1975); e nos sites <http://www.marcellio.com/rio/hivimapa.html> e http://fr.wikipedia.org/wiki/Image:Serigipe_1560_Forte_Coligny.jpg, acessados em 30 de novembro de 2008.

1579. **La baie de Rio de Janeiro par J. de Vault de Claye ou Le vrai pourtrait de Geneure et der cap de Frie par J. de Vault de Claye**, de J. de Vault de Claye, Localização: ARC.009,11,008 Cartografia. Também se encontra no livro *Roteiro de cartografia da Baía de Guanabara e Cidade do Rio de Janeiro*, de Álvaro Teixeira; no livro *O Rio de Janeiro no Século XVI*, de Joaquim Veríssimo Serrão (Lisboa: Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, 1965.); e no site <http://serqueira.com.br/mapas/azar1.htm>

1582. **Mapa da Baía de Guanabara**, de Luís Teixeira. Localização: CAM.02,004 Cartografia. Também se encontra no livro *Roteiro de cartografia da Baía de Guanabara e Cidade do Rio de Janeiro*, de Álvaro Teixeira Filho (Rio de Janeiro: São José, 1975); no livro *O Rio de Janeiro no Século XVI*, de Joaquim Veríssimo Serrão (Lisboa: Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, 1965.); e no site <http://max.org.br/biblioteca/Revista/Caninde-08/Caninde-8-05.pdf>.

1554. **Rio de Janeiro**, de Hans Staden. Localização: AT.008,03,006 Cartografia. O original consta na obra de Hans Staden de 1554. Catálogo antigo. Também encontra-se no livro “Plantas históricas da cidade do Rio de Janeiro século XVI”, de Eduardo Canabrava Barreiros (1965)

Anexo 06:

Inventário Comentado dos Índios dos Aldeamentos de São Lourenço e São Barnabé

Pesquisa direta nos Anais da Biblioteca Nacional:

Volume 100: Índice dos anais. Lista de pesquisa por assunto:

- Anchieta, José de → 1: 44-60, 266-308; [Nas primeiras páginas, há uma pequena biografia de Anchieta e depois, são transcritas as cartas, que vão de 1554 a 1557, portanto, não há possibilidade de falar das aldeias interessadas, visto que elas foram criadas em 1568 (S. Lourenço) e 1579 (S. Barnabé)]
2: 124-7; [Fala apenas da morte de José de Anchieta]

19: 1-49; [Até a página 50, é a biografia de Anchieta, depois vêm as cartas, transcritas em latim, espanhol e português. Parei para analisar alguns documentos (ver volume 19)]

29: 181-287. [Só conta a história da vida do citado padre, não contém documentos]

- Brasil
 - Catequese e Jesuítas → 27: 243-62; [Contém os *Extractos de Cartas dos jesuítas (1558-1568) Analisei alguns documentos (ver volume 27)*]
49: 5-54. [Refere-se à capitania de Pernambuco]
 - História Eclesiástica → 9 (1): 749-812. [Trata-se de documentos relativos à Igreja no Brasil em geral, não tem nada específico dos jesuítas no Rio de Janeiro no século XVI]
- Jesuítas. 6: 91-366. [Trata-se do *Manuscripto Guarani sobre a primitiva catequese dos índios das missões*, escrito em língua tupi por Antônio de Ruiz]
 - História (catálogo) → 9(1): 784-801. [O início traz documentos do Brasil em geral, geralmente, do início do século XVI]
 - Rio de Janeiro (catálogo) → 9(1): 799-800. [Separado junto com o Espírito Santo e São Paulo, o RJ tem apenas um documento, que data do século XIX]
- Rio de Janeiro (Cidade)
 - Nossa Senhora do Carmo (Convento) → 57:187-400. [Contém o Tombo dos bens pertencentes ao Convento Nossa Senhora do Carmo na Capitania do Rio de Janeiro, onde há cartas ou traslados de cartas de sesmarias do Rio de Janeiro]
 - História → 1: 187-90; [contém documentos só a partir do início do século XIX] 20: 224-31, 232-40; [Só contém documentos do Rio de Janeiro relativos ao século XVIII] 59: 187-356. [Só contém documentos a partir do século XVII]
- Rio de Janeiro (Estado)
 - Cartografia → 9(1): 251-76. [Os mapas datam a partir do século XVIII]
 - História → 39: 52-5. [Documentos relativos ao século XVII]

Lista de pesquisa por análise do índice (além do que foi encontrado):

- Volume 82: Livro de Tombo do Colégio de Jesus do Rio de Janeiro. [Só há um documento relativo à aldeia de S. barnabé, mas é do século XVII]

Volume 19:

Pág. 65 → *Resposta do p Joseph de Anchieta a o Pe. Gonsalo Dõlivra*. Nesse documento, datado de 1590, Anchieta relata que no Rio de Janeiro houve um desentendimento entre o Padre Gonçalo e um Pe Visitador, sendo esse último impedido de renovar os votos.

Pág. 67 → *Ao capitão Miguel Dazevedo meu Senhor em Christo &a na Capitania do Spiritu Santo &a Intus vero*, escrita pelo Padre José de Anchieta e trasladaada por Manoel Soares da Cunha. O documento é de 1º de dezembro de 1592 e conta da chegada do autor da carta no Rio de Janeiro, no colégio dos jesuítas. Ele fala sobre duas provisões, sobre um inquisidor e sobre uma briga que houve ali, não há nenhuma referência direta aos aldeamentos. O traslado é de 1º de Janeiro de 1730.

Pág.70 → Sem Título. Anchieta escreve aqui que foi enviado às Capitánias do Rio de Janeiro e São Vicente por conta do perigo de uma invasão francesa. Fala que nessa última houve uma invasão inglesa. Fala dos perigos que os padres das aldeias correm.

Pág. 75 → Documento encontrado:

Historia dos Collegios do Brazil, copiada da Bibliotheca Nacional de Roma

Localização: I-48,13,44 Manuscritos. O documento é separado por região. A história do colégio do Rio de Janeiro começa na página 122.

- **Cap. 7 - De como se Dio principio al Collegio Del Rio de Enero:** Fala sobre a fundação do Colégio e sobre as pazes dos portugueses com os índios Tamoyos, indo algumas vezes Luis da Grã, junto com alguns padres, visitar algumas aldeias.
- **Cap. 13 - De las cosas de edificacion q sucedieron en el Collegio el año de 1573:** Fala-se sobre índios “desencaminhados” no aldeamento de São Lourenço. É relatado aqui um episódio em que o padre reitor do Colégio, junto com o padre Oliveira, vendo que os principais da Aldeia estavam amancebados, decide casar algumas mancebas de alguns principais e separar outras. O principal fica bravo e “luego se alevãto el aldea de manera que pensarõ los Pes. que los queria matar”. Depois, afirma-se que os índios foram pedir perdão aos padres. (pág. 135)
- **Cap. 14 - De las cosas de edificacion q sucedieron em El Collegio y Capitanias a el subjectos em el año de 1574:** É relatada aqui a história de um índio velho da Aldeia que nunca havia se confessado e que decide o fazê-lo porque percebeu que estava “cheio de pecados”. Também conta sobre outra índia que se confessa.

Volume 27:

Pág. 257 → *Carta do Padre Leonardo do Valle escripta de S. Vicente a 23 de junho de 1565: Fala da nomeação de Estácio de Sá “para ir povoar o Rio” e da tentativa de fazer as pazes com os índios Tamoyos, que vivem ali. Conta de um episódio de ataque dos citados índios*

Pág. 259 → *Carta do padre Quiricio Caxa, da Bahia de 13 de julho de 1565 que escreveu ao padre doutor Diogo Mirão, Provincial da Companhia de Jesus: Conta a guerra contra os franceses de conquista do Rio de Janeiro feita pelos portugueses e descrita com os detalhes.*

Pesquisa direta nas publicações *Documentos Históricos*, da Biblioteca Nacional:

Análise do Índice (do v. 1 ao v. 100). Lista cronológica [selecionei todos os volumes relativos ao século XVI para analisar]:

V. 13 → Foraes, doações, regimentos e mandados (1534 – 1551): A data limite é antes da criação dos aldeamentos.

V. 14 → Mandados, provisões, doações (1551 – 1625): Não há nada se referindo ao Rio de Janeiro.

V. 35 → Provimentos seculares e eclesiásticos (1549 – 1559): A data limite é antes da criação dos aldeamentos.

V. 36 → Provimentos seculares e eclesiásticos (1559 – 1577): A maioria se refere à Bahia, Não tem Rio de Janeiro.

V. 37 → Mandados (1549 – 1552): A data limite é antes da criação dos aldeamentos.

V. 38 → Mandados, alvarás, provisões, sesmarias (1549 – 1553): A data limite é antes da criação dos aldeamentos.

V. 78 → Livro 1º de regimentos (1548 – 1653): A maioria se refere à Bahia e Pernambuco, não aparece a Capitania do Rio de Janeiro.

Volume CXI (Única publicação fora do índice) → Documento encontrado:

Localização: 50,05,004 Manuscritos. Os originais manuscritos desses documentos, encontram-se deteriorados e ilegíveis. Só é possível consultá-lo na versão impressa: *Documentos Históricos. Tombo das Cartas de Sesmarias do Rio de Janeiro dadas por Cristóvão de Barros (1573 – 74), dadas por Salvador Correia de Sá (1578 – 79). Volume CXI. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1928.*

- **“Carta de Sesmaria dos índios que vieram da serra e de Vasco Fernandes Maia e Fernão d’Álveres e Antônio Selema e de outros índios da Aldeia de São Lourenço”, de Salvador Correia de Sá. (pág. 172):** O documento é de 19 de março de 1578 e afirma que Antonio Lousada, se dizendo procurador do gentio, faz um pedido em nome dos índios cristãos, para aumentar as terras da Aldeia de São Lourenço, pois eles querem fazer suas “roças de mantimento”.
- **“Carta de sesmaria das terras dos índios que estão nas cabeceiras ou ilhargas das terras dos padres da Companhia”, de Salvador Correia de Sá. (pág. 228):** O documento é de vinte e (...) de agosto de 1579 e afirma que o reverendo Padre Martim da Rocha apresentou uma petição feita em nome dos índios que querem terra para fazer suas roças, além de pedir a medição das mesmas.

Pesquisa direta na sessão Manuscritos da Biblioteca Nacional:

Descritores usados:

aldeia → Aparecem algumas aldeias, mas nenhuma é São Barnabé ou São Lourenço.

aldeamento → Só aparece um, e não é nem São Barnabé nem São Lourenço.

são lourenço → Aparecem três documentos, só dois referentes à aldeia de fato, mas os dois são do século XIX.

lourenço → Nada aparece relativo à aldeia.

são barnabé → Nada aparece.

barnabé → Nada aparece.

índios → Aparecem por volta de 200 documentos.

Índios Rio de Janeiro → Aparece só um documento, escrito por um missionário capuchinho e não se refere às aldeias.

Índios São Sebastião → Aparecem dois documentos do século XVIII.

Companhia de Jesus Rio de Janeiro → Aparecem três documentos: um deles, é o Livro de Tombo, que está impresso nos Anais da BN.

Pesquisa direta na sessão Iconografia da Biblioteca Nacional:

Descritores usados:

Índios XVI → Nada encontrado.

Índios → Nenhum era referente ao século XVI.

De Bry → Nada encontrado.

Pesquisa direta na sessão Cartografia da Biblioteca Nacional:

“Mapa da Baía de Guanabara”, de Luís Teixeira.

Localização: CAM.02,004 Cartografia. O documento é de 1582. Esse mapa aponta o local da “Aldeia de Martinho”, que é a Aldeia de São Lourenço. Também se encontra disponível no livro *Roteiro de cartografia da Baía de Guanabara e Cidade do Rio de Janeiro*, de Álvaro Teixeira Filho (Rio de Janeiro: São José, 1975); no livro *O Rio de Janeiro no Século XVI*, de Joaquim Veríssimo Serrão (Lisboa: Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, 1965.); e no site <http://www.marcellio.com/rio/hisxviim.html>

Pesquisa direta na sessão de Obras Gerais da Biblioteca Nacional:

“Em que se explica a terra da baía do Rio de janeiro da ponta da cidade para dentro até tornar à barra”, de Gabriel Soares de Souza. In: Notícias do Brasil. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1974. Cap. LII, p.45.

O texto fala sobre um “porto de Martinho” na Baía de Guanabara. Acredito que tenha alguma ligação com Martim Affonso de Souza, Araribóia, que é da Aldeia de São Lourenço, também conhecida como Aldeia de Martinho.

Anexo 07:

Levantamento das teses de História que versam sobre ameríndios

1990. DOMINGUES, HELOISA MARIA BERTOL. **A Noção de Civilização na Visão dos Construtores do Império.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense. 205p.

1991. BARBOSA, Bartira Ferraz. **Índios e Missões: A Colonização do Médio São Francisco Pernambucano nos Séculos XVII e XVIII.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal de Pernambuco. 200p.

1992. PEDROSO, Dulce Madalena Rios. **Ava - Canoeiro: A História do Povo Invisível - Século XVIII E XIX.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás. 252p.

1993. BAUMANN, Therezinha de Barcellos. **A Gesta de Anchieta: A Construção do "outro" nas Idéias e Práticas Jesuíticas nos Quinhentos.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense. 330p.

1994. RAMINELLI, Ronaldo José. **Imagens da Colonização - A Representação do Índio de Caminha a Vieira.** Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade de São Paulo. 281p.

1995. LANGER, Protasio Paulo. **A Aldeia Nossa Senhora dos Anjos: A Resistência do Guarani- Missioneiro ao Processo de Dominação do Sistema Colonial Luso (1762-1798)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 200p.
1995. VASCONCELOS, Cláudio Alves de. **A Questão Indígena na Província de Mato Grosso: Conflito, Trama e Continuidade**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade de Brasília. 220p.
1995. SOUZA, Elicabeth Salgado de. **A História Salgada: Imagem de Índio. Palavra de Europeu**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade de Brasília. 113p.
1996. HANDA, Francisco Aparecido. **Colonização, Missão e Representação - A Amazônia segundo o diário de Samuel Fritz (1689 a 1723)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 304p.
1997. CORREA, Dora Shellard. **Paisagens Sobrepostas. Índios, posseiros e fazendeiros nas Matas de Itapeva (1723-1930)**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade de São Paulo. 349p.
1997. GOMES, Flavio dos Santos. **A hidra e os pântanos: quilombos e mocambos no Brasil (sécs. XVIII - XIX)**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade Estadual de Campinas. 773p.
1997. COSTA, Maria de Fátima Gomes. **Notícias de Xarayes: Pantanal entre os séculos XVI e XVIII**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade de São Paulo. 264p.
1998. PUNTONI, Pedro Luis. **A Guerra dos Bárbaros: Povos Indígenas e a Colonização do Sertão Nordeste do Brasil (1650-1720)**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade de São Paulo. 250p.
1998. PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **O Tempo da Dor e do Trabalho - A Conquista do Território Indígena nos Sertões do Leste**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade de São Paulo. 902p.
1999. FREITAS, Edinaldo Bezerra de. **Índios-Soldados Agrin e a Tradição Militar da Política Indigenista Brasileira**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade de São Paulo. 308p.
1999. Lopes, Fátima Martins. **Missões Religiosas: Índios, Colonos e Missionários da Colonização da Capitania do Rio Grande do Norte**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal de Pernambuco. 210p.
2000. CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. **Do Índio Imaginado ao Índio Inexistente: A construção da imagem do índio na viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Estadual de Campinas. 239p.
2001. FERNANDES, Eunícia Barros Barcelos. **Futuros Outros: Homens e Espaços (Os Aldeamentos Jesuíticos e a Colonização na América Portuguesa)**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, 227p.

2001. SILVA, Verone Cristina da. **Missão, Aldeamento e Cidade. Os Guaná entre Albuquerque e Cuiabá (1819-1901)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal de Mato Grosso. 162p.
2001. TOLEDO, Maria Fátima de Melo. **O sonho da Quimera: uma análise do Diálogo sobre a conversão do gentio do Pe. Manuel da Nóbrega**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade de São Paulo. 210p.
2002. ALBUQUERQUE, Manuel Coelho. **Seara Indígena: deslocamentos e dimensões identitárias**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal do Ceará. 162p.
2002. ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira. **História e Direito: Sesmaria e Conflito de Terras entre Índios em Freguesias Extra Muros do Rio de Janeiro (Século XVIII)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 201p.
2002. BOFF, Claudete. **A imaginária guarani: o acervo do museu das missões**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 183p.
2002. PACHECO NETO, Manuel. **Palmilhando o Brasil colonial: a motricidade de Bandeirantes, índios e jesuítas no século XVII**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 150p.
2002. WEBER, Astor. **Os Eyiguayegui-Mbayá-Guaicuru: encontros e confrontos com os luso-brasileiros na Capitania de Mato Grosso**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 125p.
2003. PESSOA, Angelo Emilio da Silva. **As ruínas da tradição: 'A Casa da Torre' de Garcia D'Ávila - família e propriedade no nordeste colonial**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade de São Paulo. 297p.
2003. RESENDE, Maria Leônia Chaves de. **Gentios Basílicos - Índios Coloniais em Minas Gerais Setecentista**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade Estadual de Campinas. 314p.
2003. Sousa, Mônica Hellen Maria de. **Missão na Ibiapaba: Estratégias e Táticas na Colônia nos séculos XVII e XVIII**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal do Ceará. 114p.
2004. AZEVEDO, Anna Elizabeth Lago de. **O Diretório Pombalino em Pernambuco**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal de Pernambuco. 124p.
2004. BAYONA, Yobenj Aucardo Chicangana. **"Imago Gentilis Brasilis": modelos de representação pictórica do índio da renascença**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense. 578p.
2004. DIAS, Leonardo Guimarães Vaz. **Gentios de Corso: os mura no processo de conquista e colonização da América Portuguesa**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense. 127p.
2004. DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. **O Território Ofaié pelos caminhos da História: reencontro e trajetória de um povo**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 289p.

2004. LEMOS, Marcelo Sant'Ana. **O Índio Virou Pó de Café? A Resistência dos Índios Coroados de Valença Frente à Expansão Cafeeira AFEEIRA NO VALE DO PARAÍBA (1788-1836)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 228p.
2004. OHATA, Milton. **Pacto colonial e conjuntura atlântica: São Paulo, século XVII**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade de São Paulo. 237p.
2004. SANTOS, Patrícia Verônica Pereira dos. **Trabalhar, Defender e Viver em Salvador no Século XVI**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal da Bahia. 130p.
2004. SILVA, Geyza Kelly Alves da. **Índios e Identidades: formas de inserção e sobrevivência na sociedade colonial (1530 - 1716)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal de Pernambuco. 145p.
2005. ARNT, Fúlvio Vinícius. **San Ignacio de Los Zamucos: Índios e Jesuítas no coração do deserto Sul-americano, século XVIII**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 245p.
2005. CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de. **Índios Cristãos – A Conversão dos Gentios na Amazônia Portuguesa**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade Estadual de Campinas. 402p.
2005. ELIAS, Juliana Lopes. **Militarização Indígena na Capitania de Pernambuco no Século XVII: Caso Camarão**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade Federal de Pernambuco. 156p.
2005. LOPES, Fátima Martins. **Em nome da liberdade: As vilas de índios do Rio Grande do Norte sob o Diretório Pombalino no século XVIII**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade Federal de Pernambuco. 525p.
2005. MAIA, Lígio José de Oliveira. **Cultores da vinha sagrada: missão e tradução nas Serras de Ibiapaba (século XVIII)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal do Ceará. 204p.
2005. RIBEIRO, Silene Orlando. **De índios a guerreiros reais: a trajetória da aldeia de São Pedro de Cabo Frio - séculos XVII-XVIII**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense. 106p.
2005. ZAGO, Lisandra. **Etonoistória Bororo, contatos, alianças e conflitos (séculos XVIII e XIX)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 134p.
2006. COELHO, Mauro Cezar. **Do sertão para o mar: um estudo sobre a experiência portuguesa na América, a partir da colônia - o caso do diretório dos índios (1750-1798)**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade de São Paulo. 349p.
2006. FREITAS, Ludmila Gomides. **A Câmara Municipal da vila de São Paulo e a Escravidão Indígena no século XVII (1628-1696)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Estadual de Campinas. 207p.

- 2006, PÚRPURA, Christian. **Formas de existência em áreas de fronteira: a política portuguesa do espaço e os espaços de poder no oeste amazônico (séculos XVII e XVIII)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade de São Paulo. 142p.
2007. CORRADINI, Cirlene Moreno. **Os Guaikuru-Kadiweu no Contexto da Guerra do Paraguai: Fronteiras, Relações Interétnicas e Territorialidade**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Estadual de Maringá. 122p.
2007. DIAS, Alessandra Resende. **O “ouro vermelho” e a política de povoamento da Capitania de Mato Grosso: 1752-1798**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal de Mato Grosso. 149p.
2007. GARCIA, Elisa Fruhauf. **As diversas formas de ser índio: políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo Sul da América Portuguesa**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense. 321p.
2007. MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Ocidentalização, Territórios e Populações Indígenas no Sertão da Capitania do Rio Grande**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 309p.
2007. OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. **O povoamento colonial do sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência**. Dissertação (Doutorado). Faculdade de História, Universidade Federal de Pernambuco. 320p.
2007. PEREIRA, Ana Carolina Barbosa. **Que objetividade para a ciência da história? O Índio Brasileiro à luz da teoria da história de Rusan e Hayden White**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade de Brasília. 200p.
2007. SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros da. **Aldeando Sentidos: Os Xucuru-Kariri e o Serviço de Proteção aos Índios no Agreste Alagoano**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal da Bahia. 133p.
2007. SILVA, Janaína Guimarães da Fonseca e. **Modos de Pensar, Maneiras de Viver: Cristãos-Novos em Pernambuco no Século XVI**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal de Pernambuco. 145p.
2007. SOUZA, Aline de. **O uno e o diverso: construção nacional e incorporação indígena no pensamento de José Martí**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História, Universidade Federal do Espírito Santo. 224p.
2007. VERRAN, Rossana Samarini. **Inventário científico do Brasil no século XVIII: a contribuição de Alexandre Rodrigues Ferreira para o conhecimento da natureza e dos índios**. Dissertação (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 258p.

Anexo 08:

Apresentação escrita do livro Metamorfoses Indígenas

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Metamorfozes Indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

Localização do Autor e da Obra

Maria Regina Celestino de Almeida possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1990) com a dissertação *Os Vassallos d'El Rey nos Confinos da Amazônia – A Colonização da Amazônia Ocidental –1750-1798* e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2000) com a tese *Os Índios Aldeados no Rio de Janeiro Colonial –Novos Súditos Cristãos do Império Português*. Recebeu o Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa de 2001, publicando o livro *Metamorfozes Indígenas - identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro* em 2003, numa versão revista e corrigida do doutorado. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal Fluminense e pesquisadora do CNPq. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: indígenas, missão, amazonas, rio de janeiro e identidade étnica.

(Fonte: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=P40114>)

Argumento Fundamental

A autora pretende desmontar certos estereótipos indígenas da historiografia e colocar os índios como agentes da história, mostrando o papel dos aldeamentos como espaço de ressocialização e rearticulação cultural dos povos indígenas. Trata, portanto, de um processo de recriação das identidades dos nativos para se adaptarem nesse novo mundo colonial em formação. Através do diálogo entre antropologia e história e numa perspectiva de historicidade da cultura, a autora demonstra que os índios participaram ativamente de seu próprio processo de metamorfose, transformando mais do que sendo transformados.

Resumo de Conteúdo

❖ **Introdução**

- História e antropologia: novas perspectivas para a história indígena
- Índios e aldeias no Rio de Janeiro: uma história antropológica
- As fontes

Parte I: As aldeias em construção

❖ **Capítulo 1: Os índios e a conquista do Rio de Janeiro**

- A Guanabara dos índios no século XVI
- A guerra e as relações de alteridade entre os tupinambás
- Os primeiros contatos
- Etnias e relações em tempos de mudança
- Entram em cena os índios do Gato: seriam eles temiminós ou tupinambás?
- A guerra da conquista

❖ **Capítulo 2: O projeto de colonização e os aldeamentos: funções e significados diversos**

- O projeto colonial: associação entre Coroa e Igreja
- As principais aldeias do Rio de Janeiro e a ocupação do território
 - Manutenção e reprodução nas aldeias: aspectos demográficos

- Os descimentos e os acordos com os índios
- Os aldeamentos: funções e significados diversos
 - Terra e proteção para os índios
 - Súditos cristãos para a Coroa e os missionários
 - Mão-de-obra para os colonos
- Afinal, a quem serviam os aldeamentos?

Parte II: A vivência nas aldeias

❖ **Capítulo 3: A ressocialização nas aldeias: as múltiplas etnias tornam-se índios aldeados e súditos cristãos do Império português**

- A administração das aldeias: legislação e prática
- Índios e jesuítas: convivência, aprendizado e conflitos no cotidiano das aldeias
- Tradições e mudanças culturais: interpretações e significados diversos
- O papel das lideranças
 - Araribóia: um caso especial
 - A nobreza indígena na Colônia
 - Ser líder na Colônia: novas funções, privilégios e regalias
 - Líderes e liderados: vínculos e dissensões
 - O desafio às lideranças nas aldeias de Mangaratiba e São Pedro
- As reformas pombalinas: rupturas e continuidades

❖ **Capítulo 4: Trabalho indígena**

- Os índios e a economia colonial
- Os índios aldeados: repartição, serviços e salários
 - A repartição
 - Empregos e ofícios dos índios aldeados
 - Salários dos índios

❖ **Capítulo 5: Terra e rendimento das aldeias: disputas e negociações**

- As terras das aldeias
- Produção e subsistência nas aldeias
- Rendimentos e sustentação das aldeias
 - Negociações com a terra: aforamentos, vendas e conflitos
 - Os rendimentos das aldeias: interesses e disputas

❖ **Capítulo 6: Os índios aldeados: histórias e identidades em construção**

- Da multiplicidade étnica ao índio aldeado
- Grupos étnicos e ação política
- Etnicidade e Cultura
- História, memória e identidades

❖ **Conclusão**

Conceitos Utilizados

Sertão -> Visto numa perspectiva cultural e móvel, para os portugueses é o mundo da desordem e da barbárie onde vivem os índios selvagens.

Descimentos -> Vinda de novos índios, a maioria do sertão, para os aldeamentos. Essa era a principal forma de aumento do número de índios nos aldeamentos.

Aldeamento -> Idéia de processo, aldeia em formação, para se contrapor às aldeias de origem.

Índio Aldeado -> Índios habitantes dos aldeamentos que, no processo da colonização, constituíram para si uma identidade própria.

Etno-História -> Não só a reconstrução de histórias de povos ágrafos, mas uma pesquisa interdisciplinar no sentido de cruzar informações e interpretações produzidas pelas diferentes disciplinas e analisadas sempre num contexto histórico. (Bruce G. Trigger)

Resistência Adaptativa -> No caso dos índios, colaborar com os europeus, integrar-se à colonização podia significar também resistir. (Steve Stern)

Etnicidade Construída -> Também as etnias, assim como as alianças, podem se definir e afirmar de acordo com as circunstâncias e interesses dos grupos envolvidos (John Monteiro)

Territorialização -> Ao aldearem-se, iniciava-se o processo de territorialização para os índios que passavam a habitar um território fixo que lhes fora dado ou até imposto por uma ordem externa ao grupo. (João Pacheco de Oliveira)

Etnogênese -> Adaptação criativa a uma história geral de mudanças violentas impostas durante a expansão histórica dos estados coloniais e nacionais nas Américas. (Jonathan Hill)

Interlocutores

Bruce G. Trigger: É arqueólogo e antropólogo. A autora se apropria de sua concepção de etno-história.

Eduardo Viveiros de Castro (1951): é um antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É citado para apresentar dados da cultura tupi.

Florestan Fernandes (1920 — 1995): foi um sociólogo e político brasileiro. É citado principalmente para apresentar dados da cultura tupi.

Joaquim Noberto de Souza e Silva: É citado também principalmente para apresentar dados sobre aldeamentos.

João Pacheco de Oliveira: antropólogo brasileiro, é professor titular do Museu Nacional (UFRJ). Realizou pesquisa com os índios Ticuna, do que resultou sua tese de doutoramento, publicada em 1988. A autora se apropria do seu conceito de territorialização.

John Monteiro: É um dos autores mais citados. Muitas vezes para apropriação de seus conceitos.

Jonathan Hill: A autora se apropria de seu conceito de etnogênese.

Serafim Leite (1880 — 1969): foi um padre jesuíta e historiador português. Escreveu sobre a Companhia de Jesus no Brasil. É citado principalmente para apresentar dados sobre os aldeamentos, além de alguns dados sobre etnias.

Steve Stern: A autora se apropria de seu conceito de resistência adaptativa.

Fontes

São basicamente documentos oficiais. Cartas régias, requerimentos, correspondências, entre outros. Foram muito usadas consultas ao Conselho Ultramarino que, criado em 1642, era o principal órgão metropolitano para lidar com questões coloniais. Esse tipo de documentação foi importante para a autora, pois é onde aparecem muitos conflitos de terra. Ocasionalmente, ela usou estudos recentes de povos indígenas da atualidade para formular hipóteses de acontecimentos passados. É através da citação das fontes que a autora nos dá exemplos que comprovam seus argumentos.

Posicionamento do Leitor

O livro é muito bem escrito, claro e de leitura agradável. A subdivisão de cada capítulo melhora ainda mais o entendimento. Na maioria dessas subdivisões, o primeiro parágrafo é introdutório e retoma idéias que já foram explicitadas até ali e o último parágrafo é conclusivo, explicando o que aquele capítulo quis dizer. Apesar disso ter um lado bom de deixar muito claro o pensamento da autora, ao mesmo tempo, há idéias que são repetidas muitas e muitas vezes, ficando desnecessário tanta repetição.

Outra questão, a meu ver, que é exagerada são os exemplos que a autora utiliza para comprovar seus argumentos. Há momentos do texto que ela dá mais de cinco exemplos para um só argumento, o que acho desnecessário.

Lugar da obra na nossa pesquisa

Acredito que o espaço que essa obra ocupa na nossa pesquisa é bem amplo, na medida em que trata dos índios do período colonial aldeados no Rio de Janeiro, que também é nosso objeto de estudo. A pesquisa vai além do livro, por se aprofundar mais na Companhia de Jesus, mas tudo o que é dito no livro também é importante para nós.

Anexo 09:

Resenha do livro *Metamorfozes Indígenas*

Referência Bibliográfica

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Metamorfozes Indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

O livro *Metamorfozes Indígenas - identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*, publicado em 2003, foi uma versão revista e corrigida do doutorado da autora, Maria Regina Celestino de Almeida, que recebeu o Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa em 2001.

O livro pretende desmontar certos estereótipos indígenas da historiografia e colocar os índios como agentes da história, mostrando o papel dos aldeamentos como espaço de ressocialização e rearticulação cultural dos povos indígenas. Trata, portanto, de um processo de recriação das identidades dos nativos para se adaptarem nesse novo mundo colonial em formação. Através do diálogo entre antropologia e história e numa perspectiva de historicidade da cultura, a autora demonstra que os índios participaram ativamente de seu próprio processo de metamorfose, transformando mais do que sendo transformados.

Apesar de ter sido um doutorado, que poderia ter um vocabulário técnico e difícil, a leitura é leve, muito agradável e prazerosa. O livro é dividido em duas partes, além da introdução e conclusão, sendo a primeira parte com dois capítulos e organizada de forma mais cronológica que a segunda parte, que possui três capítulos e é organizada de forma mais temática.

Dentro de cada capítulo, há inúmeras subdivisões que facilitam ainda mais a leitura. Cada subdivisão dessa possui um título que já explica seu conteúdo e na maioria delas, o primeiro parágrafo é introdutório e retoma idéias que já foram explicitadas até ali e o último parágrafo é conclusivo, explicando o que aquele capítulo quis dizer. Apesar de, por um lado

isso deixar muito claro o pensamento da autora, facilitando a leitura, por outro lado, há idéias que são repetidas inúmeras vezes ao longo do livro, tornando a leitura um pouco entediante, além de ficar óbvio ser desnecessária tanta repetição. A tese da autora, por exemplo, é repetida em todos os capítulos, sem exceção e em vários deles é repetida mais de uma vez. Por mais que o argumento central do livro seja de extrema importância, acredito que não é preciso repeti-lo tantas vezes.

Outra questão, a meu ver, que é excedente são os exemplos que a autora utiliza para comprovar seus argumentos. Há momentos do texto que ela dá mais de cinco exemplos para um só argumento, o que também acho exagerado.

Contudo, tirando essas duas observações, o livro é excelente e muito bem escrito. As citações também merecem destaque pois, apesar de serem muitas, a autora consegue colocá-las de forma muito sutil, de forma que faça parte mesmo de seu texto e sem a impressão de que aquilo é algo de fora, à parte, que está ali só para ilustrar ou comprovar os argumentos.

Por fim, o objetivo de desmontar estereótipos indígenas é, a meu ver, alcançado com sucesso pela autora que, durante todo o tempo em seu texto, faz questão de colocar os índios como agentes de sua história, pessoas capazes de fazer escolhas e não como simples submissos à vontade dos colonizadores. E me parece que isso é de enorme importância para a historiografia brasileira, que até bem pouco tempo atrás repetia uma história branca, européia, tentando apagar os índios e negros do Brasil.